

O universitário brasileiro face a situação nacional

por Godofredo B. Boll

Quando procuramos compreender a atuação e as posições assumidas pelo estudante universitário, convém não esquecer que a vida universitária, por força das circunstâncias, é caracterizada pelo intelectualismo, o descomprometimento com os fatos da sociedade existente e, no caso brasileiro especialmente, uma forte paixão política. As idéias novas e as grandes perguntas que agitam a nossa sociedade e o mundo inteiro encontram muito maior ressonância no meio universitário do que fora d'ele. Se, portanto, a nossa sociedade é marcada pelas rápidas transformações em vários sentidos, isto se faz sentir fortemente entre os estudantes, para muitos dos quais a ordem em que ainda vivemos já é de ontem e superada. Especialmente os últimos cinco anos mudaram o clima geral do estudantado brasileiro provocando uma politização e um despertar geral para «a realidade nacional», cuja evolução a maioria dos egressos e dos não-universitários têm dificuldade em compreender e acompanhar.

Evidentemente não me é possível expor, neste curto espaço, toda a complexidade do tema. Além disto o meu contato como pastor dos universitários é limitado e acontece especialmente em Pôrto Alegre. Procurarei, principalmente, informar e mostrar o mundo de que participamos como cristãos, e onde devemos dar o nosso testemunho e encontrar a maneira de servir.

Os grupos atuantes

Ouve-se muitas vezes a acusação de que a posição esquerdista, ou revolucionária dos universitários é imposta por uma minoria. Isto até certo ponto está certo, porque os grupos atuantes, politicamente ativos e organizados não são a maioria. Nas recentes eleições para a diretoria da Federação Estudantil da Universidade do RGS (FEURGS) só a metade foi às urnas. A outra metade ou «não se interessa por política», ou só se interessa em fazer um bom curso evitando onerar-se com a «agitação». São os «acomodados», «alienados», ou então indiferentes. Não admira, pois, que os grupos ativos controlem os órgãos estudantis (Centros Acadêmicos, C. A.; a FEURGS; o Departamento Central de Estudantes da Pontifícia Universidade Católica-DCE; a União Estadual de Estudantes-UEE; e a União Nacional de Estudantes-UNE, que representa cerca de 120.000 universitários), dêem-lhes

a sua orientação e determinem toda a atmosfera política das escolas superiores.

Até bem pouco tempo todos os grupos seguiam praticamente uma **única linha que era a da Esquerda**. Falava-se muito da unicidade e força do Movimento Estudantil Brasileiro, porque praticamente não havia oposição contra este denominador comum.

Quase todos os grupos politicamente atuantes se chamavam revolucionários, ou progressistas. Seu objetivo comum é lutar «pelas transformações radicais das estruturas brasileiras, especialmente em sua batalha pela Reforma Universitária» (Roberto Brinco, 1962). Ainda por ocasião do recente pedido do estado de sítio a Esquerda se definiu assim: «As Esquerdas estão reunidas numa Frente Única na luta contra a exploração e a situação de miséria em que vive o povo brasileiro, e cujas causas principais são o Latifúndio e a Espoliação Estrangeira. A política de ação das Esquerdas são os movimentos de conscientização e reivindicação firme de um Governo Nacionalista e Democrático, Anti-Imperialista e Anti-Feudal. E isso só poderá ser conseguido dentro de um regime de amplas liberdades constitucionais» (O universitário, edição extraordinária, 5-10 de outubro, 1963).

«A Esquerda não se define por um partido, nem uma ideologia, nem um programa, mas sim por este desejo de abrir novas possibilidades para a humanização do homem e da sociedade». (União Cristã de Estudantes do Brasil, 1961).

Os grupos mais representativos na Esquerda são os **cristãos da Esquerda e os marxistas**, além dos Independentes e outros menores.

O Grupão, ou a Ação Popular-AP, é liderada por elementos católicos e constitui uma alternativa não-marxista na esquerda. Mas, apesar das diferenças ideológicas e do alvo final de seu empenho, todos se encontram na Frente Comum na luta pelas Reformas e pela transformação da estrutura político-econômico-social-cultural da sociedade brasileira. Esta linha vem se firmando desde 1961, da renúncia do presidente Jânio Quadros. Em meados de 1962, por ocasião da greve pela participação de 1/3 nos corpos diretivos das escolas e universidades, existia uma verdadeira «histeria revolucionária» entre os estudantes. O ano de 1963 é marcado pelo esforço de ampliar as bases e trabalhar mais objetivamente para alcançar o alvo. Pode-se dizer que o trabalho da Esquerda tornou-se mais sério ao mesmo tempo em que as posições vêm-se radicalizando, à medida que vai-se compreendendo que a luta vai ser longa e dura.

O surgimento **duma oposição** mais expressiva também contribuiu para esta radicalização. Em Porto Alegre o Movimento Democrático Universitário — MDU está em franca expansão e conquistou os diretórios de alguns C.A.s. A sua maior preocupação é o anti-comunismo e a evolução em lugar da revolução (se bem que este termo encontra

diferentes interpretações entre as esquerdas) para a solução dos problemas nacionais. Também em outros Estados está tomando vulto um movimento oposicionista. A sua força, porém, dependerá da autenticidade de seus objetivos e da contribuição positiva que tem a dar na problemática brasileira. Parece-me que um movimento unicamente baseado na reação não modificará essencialmente o quadro.

O argumento da Esquerda

O argumento da Esquerda é essencialmente **político**. Só uma nova política pode ajudar a resolver os problemas sociais, econômicos, e culturais. Os detentores do poder são uma pequena minoria, que controla também a economia, possui a maioria das terras, faz a cultura brasileira, e orienta os meios de divulgação. Esta minoria está mais interessada em manter o poder e os seus privilégios do que no bem-estar de todo o povo. É esta minoria que realmente goza os benefícios da industrialização insulada do Brasil e não permite que as massas tenham acesso ao poder, aos meios de produção e que auferam o benefício completo de seu trabalho.

A metade dos brasileiros são politicamente deserdados por serem analfabetos. É o sistema político e partidário que atualmente temos está totalmente desacreditado entre a maioria dos estudantes, porque não deu provas de sua capacidade ou mesmo boa vontade de atacar seriamente os problemas.

Nem por isto os grandes centros industriais vêm formando um **operariado** com consciência de classe e uma grande massa de marginais insatisfeitos. As organizações de classe despertam para a grande disparidade social reinante e reclamam a sua participação no poder e nas riquezas nacionais. Literatura científica e popular que faz uma análise crítica de nossas estruturas sociais se difunde («Cadernos do Povo», por exemplo). As lutas pelas reformas de base expressam tal reclamação.

O estudante se filia a estas classes humildes na sua ânsia de transformação. «**Estar com o povo, lutar com ele!**» é uma lei fundamental para o estudante progressista. Sempre onde o povo humilde se reúne para reivindicar os seus direitos, também se encontram estudantes que deixam a sua segurança burguesa e se envolvem na agitação. A liga operário-estudantil-camponêsa tem uma preocupação comum. Os Centros Populares de Cultura promovem a conscientização e a politização das massas.

Há outra constante nesta argumentação: o **nacionalismo**. É preciso que o Brasil firme a sua própria personalidade, encontre o seu ser próprio e alcance a sua plena independência. Para que deixe de ser colônia, cultural, econômica ou politicamente, seja da Europa, seja dos EE.UU., é preciso que termine com a exaustão sistemática de suas riquezas, a inferioridade do homem colonial, os preconceitos religiosos,

raciais, e culturais, o monopólio das riquezas, a falta de industrialização a serviço da economia do povo, e a ajuda inadequada ao desenvolvimento nacional.

Em tudo isto há uma forte crítica ao capitalismo do mundo ocidental. Com êle tivemos o desnível social que aí está. Além disto o Brasil tem pressa. A solução parece estar no campo socialista. Uma lenta capitalização das massas levaria muito tempo. A explosão demográfica do Brasil exige caminhos mais radicais. Por isto o paradigma é buscado em países que, em situação parecida com a nossa, tentaram vencer o atraso em curto tempo: URSS, a China comunista, e Cuba. Cuba tornou-se um símbolo para os povos latino-americanos. Todos êstes países contam com uma grande simpatia entre os universitários brasileiros e abre-se-lhes um grande crédito. Com isto não se quer dizer que o Brasil deva implantar aqui o comunismo como solução de seus problemas, mas aproveitar as suas experiências. Naturalmente há também os que são de opinião que o Marxismo é o único instrumento capaz de resolver.

O apêlo do Marxismo

O número dos marxistas filiados ao Partido Comunista me parece não ser muito grande entre os universitários. Tanto maior é o número dos simpatizantes e especialmente dos que aceitam idéias marxistas. Muitos estudam as suas teorias e análises da situação brasileira e do mundo, outros tantos consciente ou inconscientemente usam a sua terminologia e os seus argumentos. Por que exerce o Marxismo uma tão forte atração sôbre o nosso estudante? O professor de teologia Dr. Richard Shaull, norte-americano que passou muitos anos no Brasil, dá a seguinte resposta:

«A razão para isto não é tão difícil descobrir. No meio da luta para transformar as estruturas da sociedade, enquanto outras forças revelam sua impotência, o Marxismo simplesmente oferece uma análise da situação e uma solução que parece ser razoável». «Nós... falamos em liberdade, onde esta palavra só significa a liberdade de alguns privilegiados de explorar as massas; nós falamos em democracia onde democracia sugere a continuação do intolerável status quo...». «O Marxismo insiste em afirmar que êle oferece um caminho para superar as injustiças da presente ordem, e chegar a uma nova sociedade que vai abrir possibilidades novas e ainda não imaginadas para o desenvolvimento nacional. Esta resposta utópica está ligada a uma compreensão realista dos elementos envolvidos numa sociedade em transformação, isto é, de que maneira os ideais se tornam realidade pelo uso do poder». O Dr. Shaull é de opinião que os latino-americanos não estão realmente interessados muito no sistema filosófico do Marxismo, mas mais nos instrumentos políticos e intelectuais que êle oferece na preocupação de transformar as estruturas sociais. Seu mérito está em levantar a bandeira da justiça social a favor das massas com uma radicalidade intransigente. E todo aquêle que entre os estu-

dantes exorta à cautela torna-se suspeito de, na verdade, não querer uma reformulação, ser «reacionário».

A participação dos estudantes cristãos

«Lutar por estruturas sociais mais justas, não é privilégio dos marxistas, mas dever de todo o cristão», esta frase resume mais ou menos o argumento dos cristãos que participam na Esquerda. O grupo católico já há mais tempo se organizou no Grupão ou A.P. e procurou achar uma filosofia e uma linha de ação que lhe permitisse uma participação revolucionária.

No lado evangélico é principalmente a União Cristã de Estudantes do Brasil que vem elaborando uma forma de participação para o universitário evangélico. Procura-se encontrar na situação concreta novas possibilidades de testemunho e de serviço cristãos. Isto implica em envolvimento, ou engajamento e uma abertura sem medo e sem sectarismo. O problema é como a Igreja pode testemunhar o Evangelho livre de formas burguesas ou apenas tradicionais, sejam norte-americanas, sejam européias, e ao mesmo tempo sem confundir-lo com uma mensagem classista ou socialista. É preciso encontrar novas possibilidades criativas por parte da Igreja. Uma atitude apenas conservadora ou repristinadora significaria para muitos estudantes cristãos uma opção entre ser fiel à Igreja, na maneira como ela se apresenta, e a sua consciência social, portanto, uma opção falsa.

Um dos temas que atualmente muito se discute entre os universitários cristãos é até que ponto se pode manter a Frente Única, ou fazer frente comum com os comunistas. Parece que a Igreja católica condena esta forma de participação totalmente. Isto a obriga a encontrar outras formas na luta pela justiça social, se não quiser perder muitos dos seus melhores elementos. Os evangélicos não conhecem partido ou ideologia mais ou menos cristãos. Terão que utilizar-se dos instrumentos profanos para ali servirem a seu Senhor e ao próximo, sem se deixarem escravizar por êstes instrumentos. E há hoje universitários que chegaram à conclusão que de momento êste lugar seria na Frente Única ou mesmo no Partido Comunista. Que isto cria uma porção de tensões e problemas não é preciso dizer. O importante é que os que assim se decidiram não percam o contato com os irmãos na fé e a sua Igreja.